



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

editorial

EM LOUVOR DA ÁRVORE

Não restam dúvidas que o mundo está a morrer. Cada vez é menor a quantidade de água potável, cada vez é maior a porção de dióxido de carbono e metano na atmosfera, cada vez é menor o número de árvores, cada vez é menor a reserva de oxigénio, e estes condicionalismos, em ritmo crescente, retirarão ao universo condições de existência para o ser vivo.

A sociedade já se deu conta desta situação crítica que põe em causa a sobrevivência do homem, e as nações, queremos dizer, os representantes de várias nações já se reuniram em dois grandes areópagos, sendo o último de data recente, para debaterem o assunto. O certo é que a programação de medidas eficazes para resolver os problemas relacionados com o ambiente torna-se difícil de executar, pois elas colidirão com o nível de vida já atingido por grande parte dos países. Reduzir a emissão de poluentes acarretará consequências graves para muitas nações que por isso se tornam muito esquivas a qualquer objectivo redutor.

Ora uma das esperanças do homem para a redução do dióxido de carbono e o aumento do oxigénio reside, se ainda formos a tempo, na acção de foto-síntese da árvore, pelo que se impõe a sua proliferação e nunca o abate das mesmas. Dizfa-nos, há umas dezenas de anos, um "brasileiro" chamado Manuel Joaquim que morava na nossa rua: "Cortar uma árvore é um crime contra a humanidade".

Felizmente que esta maneira de pensar, isto é, conceber a árvore como a esperança e a salvação do mundo, começa a ganhar trono em muitos países, ou na quase totalidade dos países que por isso se dispõem a tomar medidas severas contra os predadores ou arboricidas. Há pouco tempo estivemos na República Dominicana e aí ouvimos dizer a um guia que a destruição ou o arranque não autorizado de árvores davam cadeia. Na Finlândia, por cada árvore, torna-se obrigatório plantar quatro.

E em Esposende, ou mais concretamente, em Fão, onde a árvore é uma das suas maiores riquezas, o que é que se passa? Acontece que muitas centenas ou algumas milhares de árvores já foram abatidas. Por coincidência, o assunto do dia prende-se com um possível abate de pinheiros no lugar da Restinga, parte norte de Fão. Existe aí uma zona de cerca de 22.500m²

onde o proprietário pretende edificar 10 habitações (há quem afirme que ao fim e ao cabo correspondem a vinte), em sistema de condomínio fechado. A Câmara deu luz verde ao empreendimento, mas a APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende) que tem como um dos objectivos "suster e corrigir os processos conducentes à degradação do património natural e dos recursos naturais", não dá o seu "imprimatur". Mantém-se assim um braço de ferro entre estes dois organismos oficiais, à espera da resposta a um recurso interposto pelo director da APPLE. À cautela a edilidade esposendense mandou suspender os trabalhos já em curso no referido local.

Como está a reagir o povo de Fão? A questão tornou-se partidária e assim vemos o PS, o PP e PC opõem-se à concretização do projecto. Por sua vez, o PSD (de feição contrária) alega que aquela parte do pinhal está morta. Há um bichinho na floresta que vai acabar por destruir grande parte do pinhal. Num condomínio fechado o arvoredado ficaria mais protegido.

Reage, porém, a facção anti-Junta: "Isso de bichinho é uma suposição. As árvores situadas junto à praia são desgastadas pelo vento marinho que as seca e não as deixa medrar. Mas isso acontece tanto num condomínio aberto como num condomínio fechado.

E o que pensa o presidente da Câmara? Apresenta-se como conciliador, diz não tomar posição por A ou B, mas preferir entre uma propriedade fechada que zele pelos terrenos sob a sua jurisdição, e uma propriedade aberta, entregue ao *Deus dará*, ele opta pela primeira. Depois fala em educação ambiental num

ESCOLA BÁSICA N.º 1 DE FÃO, NA EXPO 98

Noticiámos no último número o êxito da exibição da Escola Primária do Ramalhão, no Pavilhão Rosa Mota.

Essa exibição previa que a Marcha da Escola seria seriada para actuar nos palcos da Expo'98. Assim aconteceu, a Direcção da Escola acaba de receber comunicação que Fão estará presente "em dia especial" dada a qualidade e originalidade do seu trabalho.

Serão sessenta e tantos alunos mais os professores, músicos e ensaiadores a representarem Fão.

E a "claque" não vai?

Não acredito. Lá estaremos. Fão, nestas alturas, não deixa os "créditos" por terrenos alheios...

Quim de Fão

discurso bonito e convincente. Há dias, ao intervir num encontro sobre o meio ambiente realizado na Póvoa de Varzim pelo Rotaract local, pudemos testemunhar que a sua mensagem foi bem aceite.

Mas os fangueiros não devem esquecer que Alberto Figueiredo é um empresário, tem a mentalidade de um tecnocrata. No seu consulado e sob a sua égide derrubaram-se aqui mais árvores do que durante todas as outras presidências desde os tempos do P.e Sá Pereira.

De qualquer modo é relevante uma proposta do presidente da Câmara de Esposende feita ao Ministério do Ambiente: sugeriu-lhe a compra do terreno em causa, o que não foi aceite.

Lembramos no entanto que, perto do virar do século, o Estado de Nova Iorque, num acesso pioneiro de consciência ambiental, começou a adquirir grandes extensões de terra e a declará-las "para sempre selvagem", fora do alcance tanto dos madeireiros como das empresas de construção. Assim a zona foi reflorestada e revitalizada.⁽¹⁾ Estamos convencido que tal iniciativa será retomada mais tarde ou mais cedo por outras nações.

(1) Do livro "O Fim da Natureza", de Bill Mckibben.

CARTA ABERTA À APPLE E A FÃO

Na segunda-feira de Páscoa assisti a um espectáculo que se vem repetindo todos os anos, e que revela a presença em Portugal de uma parcela do seu Povo, felizmente pequena, mas que infelizmente tenho de apelar de selvagem. Na Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende (APPLE), em plena duna primária, em zona murada e vedada com correntes para impedir a entrada de viaturas, eis que parte do povo presente corta as correntes, invade as dunas e os pinhais com automóveis, carrinhas e camionetas, improvisa corridas de motocross com motorizadas e moto-4, e deixa no final um rasto de lixo e destruição indicativo de que educação, respeito pelo ambiente e civismo são palavras sem qualquer significado. Desde 1986 que, com mais ou menos variantes se repetem anualmente as cenas acima descritas. O rasto de lixo e destruição não se fica no entanto pela segunda-feira de Páscoa, mas prolonga-se por fins de semana solarengos e por toda a época balnear, quer a Sul quer a Norte do Hotel Ofir.

A APPLE dispõe apenas de dois guardas, patrulha móvel destacada para uma área de 440 hectares com 18 km de comprimento, pelo que seria

(Continua na pág. 4)

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

As construções de Ofir e a suspensão do PDM

Na reunião de 21 de Maio com o presidente da Câmara Municipal de Esposende e a comunicação social do Concelho foram abordados temas e dados esclarecimentos escaldantes, sobretudo, a construção urbana no Pinhal de Ofir. Também, a suspensão do PDM (Plano Director Municipal) em Esposende e Apúlia.

A matéria mais "quente" incidiu sobre Ofir, tendo em vista a defesa do meio ambiente e a preservação do pinhal, outrora ohamariz turístico desta zona marítima.

De facto, a jurisdição da área está repartida por duas entidades de características diferenciadas: Câmara Municipal de Esposende, órgão eleito por voto directo e universal; APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende) dirigida por agente nomeado para o efeito. Ora, há muito que se discute se há ou não legalidade na construção urbana no Pinhal de Ofir e, por outro lado, a intervenção do Estado em toda a linha de costa do Continente. Os técnicos têm encontrado dificuldades na resolução destes problemas, devido a interesses divergentes. Logo, o POOC (Plano de Ordenamento da Orla Costeira) aprovado pelo Governo optou pela solução sugerida pelo Executivo Municipal, ou seja, a "ocupação condicionada dos termos, isto é, construção de lotes de 2000m², com 9% de ocupação". Nesta medida, o caso de Ofir está em suspenso até que seja arbitrada por autoridade o melhor caminho a seguir.

Os Planos de Urbanização de Esposende e de Apúlia foram suspensos devido à falta "da sua implementação em termos urbanísticos".

O diferendo em causa, na opinião dos técnicos, não impede a execução do Plano de Urbanização existente e, por coincidirem com o PDM aprovado. Por isso, e só depois de implementadas as medidas preventivas e da sua publicação em Diário da República, serão autorizadas as obras, segundo a opinião do Presidente da Câmara Municipal, "não há fundamento para contrariar o que, na generalidade, está estipulado". A cêrcea para tal Plano de Urbanização está, também, na mira "das pressões imobiliárias". Será, por isso, criada uma comissão de fiscalização no âmbito da Assembleia Municipal, sobre os Planos de urbanização e o PDM.

Visitas ao Concelho

A Câmara iniciou um ciclo de visitas às freguesias cabendo a Mar e a Marinhas a "estrela" de tais contactos. O interesse destas "é proceder à avaliação das obras em curso", para elaboração do futuro Plano de Actividades do Município.

Desvio alternativo dos pesados

O IC1, estrada que liga pelo litoral a cidade do Porto a Vigo com passagem por Esposende e Viana do Castelo, continua a sofrer de graves problemas em todo o seu percurso.

O presidente da Câmara Municipal em reunião com os responsáveis pela JAE (Junta Autónoma de Estradas) o tema foi abordado em toda a sua extensão. É que Esposende e o seu Concelho, para ser atravessado por tráfego intenso, de graves acidentes, continua sem as infraestruturas para o seu escoamento, além dos inconvenientes daí resultantes e sobejamente demonstradas. Conclui-se pela demora na resolução do problema.

A ponte de Fão, centenária, não suporta os engarrafamentos das viaturas pesadas.

Assim, mais uma vez e a partir de 15 de Julho até 15 de Setembro, os veículos pesados devem utilizar a nova ponte de Fão, no limite de Fonteboa. Em Novembro seguinte, segundo informação do presidente da Câmara, o troço que atravessa o

concelho ficará concluído. Os esposendenses já podem, então, dar um saltinho à capital, para ver qualquer EXPO/98.

Jornadas do Ambiente-Esposende/98 e Dia Mundial do Ambiente

São muitas e variadas as acções que assinalam a defesa do meio ambiente e, bem assim, o Dia Mundial do Ambiente. As jornadas têm início em 4 e prolongam-se até 6 de Junho, data do encerramento com um espectáculo pela Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto.

O meio ambiente, o património natural que tanto caracteriza o concelho de Esposende, teve as suas jornadas com o objectivo de "promover a sensibilização da população em geral", com maior incidência entre a população escolar e juvenil, além de Escolas do Ensino Básico, e lanças o alerta para a preservação do meio ambiente.

De entre as acções, destacámos as exposições de fotografia, pintura, a floresta, a água, resíduos sólidos e reciclagens, o meio piscícola do Cávado, cinema, jardins entre outras de interesse.

A iniciativa e a organização pertencem à Câmara Municipal de Esposende e APPLE (Área de Paisagem Protegida).

Dia Mundial da Criança

Várias actividades assinalam o Dia Mundial da Criança, em que o Circo será a maior atracção da pequenada.

Esposende será invadida por milhares de crianças e de alunos das Escolas do Ensino Básico, de 26 escolas, 13 Jardins de infância e de instituições de solidariedade social.

Festas a S. Pedro e de Pescadores do Concelho

Entre 27 e 28 de Junho corrente, junto à Marina de Pesca de Esposende, vão decorrer as festas a S. Pedro, o Apóstolo pescador de almas e dos pescadores do Concelho.

O programa elaborado promete muita euforia e bailaricos, além de Marchas Luminosas e artistas de variedades entre os quais José Praia oriundo de Esposende.

No dia 27 à noite, haverá Arraial Minhoto, Marchas Luminosas, com José Praia em actuação até às duas da madrugada; sessão de fogo de artifício.

No dia 28, de S. Pedro, será rezada missa por Mons. Baptista de Sousa com a colaboração do Grupo Coral de Esposende; homenagem ao Homem do Mar, com deposição de coroa de flores junto ao monumento; procissão fluvial com os pescadores em representação das comunidades do concelho. À tarde, exibição com desfile de Folclore, e à noite, encerramento com o artista Jaime Santos.

A organização está a cargo de Comissão constituída para o efeito e tem o apoio da Câmara Municipal e de muitas empresas que operam no Concelho de Esposende.

Dadores de Sangue no Concelho em recolhas

No decorrer do mês de Junho e Julho, de acordo com o plano traçado, a Associação dos Dadores de Sangue, com o apoio do Instituto Português do Sangue, vai continuar a efectuar recolhas de sangue, em dádiva voluntária da população.

Do programa consta: em 21 de Junho deslocação a Vila Chã; a 28 de Junho será a vez de Palmeira de Faro; a 5 de Julho, freguesia de Gemeses.

Os resultados têm sido bastante animadores o que motiva a organização. Por isso, Vila Chã, freguesia com 1.826 habitantes está habilitada a contribuir com boa dádiva, pois trata-se de aglomerado com 434 edifícios e 350 famílias.

Palmeira de Faro tem 2.001 habitantes, 540 edifícios e 426 famílias e nas visitas efectuadas em 1997 ofereceu 110 dadores.

A freguesia de Gemeses tem 1.244 habitantes, 332 edifícios e 280 famílias e ofereceu 86 dadores voluntários em 1997.

Gandra – Futebol em festa

A freguesia de Gandra, às portas da cidade, tem festejado o mérito da equipa de futebol que ascendeu à Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga.

No contacto com o treinador, Albino Oliveira, este foi de opinião que o esforço da equipa, essencialmente constituída por atletas do concelho, conseguiu bons resultados. O mérito foi de tal forma que venceram 13 jogos seguidos e, desde Novembro de 1997 até final do campeonato, tiveram duas derrotas. De facto, ao cabo de alguns anos em busca de resultados de impacto, esta subida vem premiar o esforço de todos, técnicos, atletas e dirigentes. Não venceu a disputa do campeão, mas não retira o mérito do esforço dos atletas.

Investimento na cultura: a prática de Esposende

Em resultado de recente estudo sobre práticas e políticas nos Municípios da Região Norte, Esposende é um deles com maior investimento na cultura, ultrapassando muitos deles com maior índice populacional e de recursos financeiros.

Entre 1992 e 1994 Esposende ocupa lugar de relevo, em termos comparativos, sobre investimentos na cultura. Assim, em fatias orçamentais, coloca-se logo a seguir a Braga e manteve a posição nos anos seguintes. Do mesmo modo, a despesa em cultura, "per capita" ocupou a primeira posição em 1992 no Distrito de Braga e nos anos seguintes, ficou-se na 2.ª posição com 10 contos, enquanto os restantes não foram além dos mil escudos/ano por habitante.

Conferência subordinada ao tema "A retórica e as formas de poder na actualidade"

O Forum Esposendense, como associação vocacionada para a promoção de reflexão e estudo dos problemas de política social, económica e cultural, promoveu uma conferência "A retórica e as formas de poder na actualidade" que decorreu no Auditório da Biblioteca Municipal, no dia 15 de maio, pelas 21.30 horas.

Foi conferencista o Dr. Albino Pedrosa Campos que definiu os conceitos de Retórica - poder e actualidade e, em particular, as novas fontes do poder, analisando alguns efeitos quer nos "media" quer na linguagem quotidiana do novo surto de retórica.

Em caso de dúvida
nalguma palavra
deste jornal,
dedique-se por uns momentos
a outra leitura.



7ª Edição. Mais completa e actualizada.

PORTO EDITORA

A. D. DE ESPOSENDE É DE TODOS (por A. SARAIVA)

A Associação Desportiva de Esposende subiu à Divisão de Honra, o que constituiu motivo de muita satisfação para os esposendenses. Nesta designação podemos ou devemos abarcar todas as pessoas que vivem neste concelho, incluindo, já se vê, os habitantes de Fão.

Os nossos primeiros aplausos vão dirigidos directamente aos atletas e treinadores da A.D.E., e logo de seguida, se não concomitantemente, a todos os esposendenses que contribuíram para o desenvolvimento económico local que hoje se verifica. Sim, que o valor atingido por uma equipa de futebol traduz a capacidade económica da terra onde veio à luz.

Quem diria, há meia dúzia de anos, que a Associação Desportiva de Esposende seria capaz de bater o pé e derrotar equipas pertencentes a localidades com uma certa aura económica como sejam Vila Real, Viana do Castelo, Leixões, Trofa, Lourosa, Vizela e Esmoriz, entre outras? Não vão assim muitos anos que o Esposende S. C. soçobrou em meio de uma grave crise económica e o levou a disfarçar-se com uma diferente nomenclatura, exactamente aquela que tem hoje.

O progresso de Esposende é inegável e ele projectou-se na própria malha urbana a dizer-nos, contra as más línguas, que a terra se cidadenisou por mérito próprio e, globalmente, onde se inclui, já se vê, o futebol.

É natural e previsível que se estenda agora um período de crise inerente a uma época de crescimento, crescimento este que se gerou com uma certa rapidez. Daí não ter surgido um número de quadros disponibilizados igualmente para as funções lúdicas e sociais, absorvidos que se encontram com os afazeres da profissão. É preciso dar tempo ao tempo.

A facilidade com que a A.D.E. se distanciou dos seus pares revela até um certo desnível ou relação a estes, e faz gerar a esperança que o patamar atingido pela equipa ultrapassará com certa desenvoltura os poços de ar que lhe surgirão no caminho.

Agora e mais que nunca será fundamental o bairrismo, a inteligência e a coesão das gentes de Esposende. António Devesas de Sá Pereira, um filho de Fão, pode servir de exemplo.



LIMPEZA DAS PRAIAS DE APÚLIA, OFIR, SUAVE-MAR, CEPÃES E MAR

Apúlia, Ofir, Suave-Mar, Cepães e Mar são algumas das praias que irão ser limpas ao abrigo de um Acordo de Colaboração Técnica e Financeira celebrado ontem, dia 28 de Maio, em Viana do Castelo, entre o Fundo de Turismo, o Instituto da Água, a Comissão de Coordenação da região Norte (CCRN), a região de Turismo do Alto Minho, a Direcção regional do Ambiente do Norte e as Câmaras Municipais de Esposende, Caminha e Viana do Castelo.

Com base neste acordo, serão realizadas operações de limpeza dos areais, das zonas de estacionamento, dos acessos e das zonas dunares. A limpeza será feita durante a época balnear deste ano, incluindo a desinfecção dos areais, sempre que tal se revelar necessário. A intervenção nas zonas dunares será feita utilizando exclusivamente meios manuais e adoptando procedimentos que salvaguardem os relevos e a vegetação dunar.

Compete à região de Turismo do Alto Minho garantir a realização dos trabalhos de limpeza e a contratação do pessoal e, em colaboração com as câmaras municipais, o transporte para o destino final dos resíduos removidos do areal, em condições higiénicas e sanitárias correctas. Cabe-lhes ainda

proceder à recolha e transporte dos lixos depositados nas zonas dunares e de estacionamento.

No que diz respeito às despesas, o acordo prevê que o Instituto da Água e o Fundo de Turismo suportem cada um 37,5% dos encargos, até ao limite máximo de 11.250 contos. A CCRN fica com os restantes encargos, no montante máximo de 750 contos.

O Presidente da Câmara, Alberto Figueiredo, deslocou-se a Viana do Castelo para a assinatura deste acordo, acto que contou com a presença do secretário de Estado dos Recursos Naturais, Eng.º Ricardo Magalhães, e do Secretário de Estado do Turismo, Dr. Vítor Neto.

Movimento de Apoio ao Pinhal de Fão

No dia 9 de Maio organizou-se um cortejo automóvel com cartazes alusivos à preservação do Pinhal de Ofir. Houve conferência de imprensa, e um cortejo a pé desde o hospital até à ponte com uma singularidade: aos automobilistas que passavam na estrada nacional 13 foram oferecidas clarinhas, largas dezenas, ofertadas por duas pastelarias de Fão. Depois houve discursos e um dos oradores, com certa emoção, não teve pejo em declarar peremptoriamente: "lutarei até à morte para defender o que nos legaram".

A chuva foi uma testemunha incómoda.

OS CORREIOS DE FÃO

A primeira chefe da Estação dos Correios e Telégrafos de Fão foi nomeada por alvará de 1-7-1899. Trata-se de D. Júlia Amélia Mesquita, à qual foi atribuído o ordenado anual de cento e sessenta mil reis. Teve de prestar uma fiança de cem mil reis.

A estação abriu à exploração em 13-7-1899.

Tratou-se de um melhoramento dos serviços dos Correios na nossa terra, que teve considerável importância para a comodidade dos fangueiros e para o progresso do comércio e indústria local.

Ocorre no próximo ano o centenário deste acontecimento.

Parece-nos que a data merece ser comemorada. Apela-se à Junta de Freguesia de Fão e à Cooperativa Cultural de Fão para que tomem a iniciativa de festejar esta data.

Poder-se-ia solicitar aos Correios que colaborassem com uma mostra filatélica, exposição de material relativo à actividade passada e presente dos CTT Correios, criação de um carimbo especial a afixar nas correspondências em 13-7-1999, etc.

Com a colaboração do colega e amigo, Artur Lopes da Costa que, tal como eu, chefiou vários anos a Estação dos Correios de Fão, publicaremos uma série de artigos sobre os Correios.

Resumidamente falaremos do correio na antiguidade no mundo e sua introdução em Portugal e seu desenvolvimento no concelho de Esposende.

Trataremos do progresso gradual dos serviços neste concelho, indicando, tanto quanto possível, os funcionários que aqui trabalharam. Procuraremos também indicar os servidores dos CTT, oriundos do concelho de Esposende.

Agradecemos ao Centro de Documentação e Informática dos CTT - Correios e, em especial, à Doutora Flora Caldas, o empréstimo que nos fizeram de várias publicações, onde colhemos importantes elementos para este trabalho.

Carlos Mariz

Dr. Vasco Mariz

Este ilustre diplomata que nós consideramos muito justamente um neto de Fão, pois é filho do saudoso fangueiro Joaquim Mariz, não cessa no seu afã de publicista e musicógrafo.

Muito recentemente a Academia Brasileira de Letras organizou no Rio de Janeiro uma sessão pública para lançamento de um novo livro - Ribeiro Couto no seu centenário, organizado por Vasco Mariz.

Congratulamo-nos com os êxitos deste operoso descendente fangueiro.

Águias de Serpa Pinto

O Águias está em festa. Comemora neste momento o 25.º aniversário.

O edifício das escolas das Pedreiras serviu de sede para as comemorações. Estão patentes várias exposições, nomeadamente de António Teixeira Dias, de José Ramos da Silva, de Artur Hipólito, de Eulália Queirós e de Russo, S. Bartolomeu do Mar.

Na tarde de sábado, dia 30, realizaram-se jogos tradicionais e um desafio de futebol entre uma equipa de solteiros e outra de casados.

No domingo houve um desafio entre equipas femininas bem como um lanche-convívio.

No próximo número daremos mais informes.

João Pedras

CARTA ABERTA À APPLE E A FÃO

(Continuado da pág. 1)

suicida em tentar deter os populares. Quanto à GNR, queixa-se igualmente da falta de efectivos, e assim não teve qualquer presença ou intervenção na zona.

A APPLE foi criada por decreto-Lei 357/87 de 17 de Novembro, com o propósito de— proteger e conservar o litoral do concelho de Esposende e dos seus elementos naturais, físicos, estéticos e paisagísticos; sustentar e corrigir os processos conducentes à degradação do património natural e dos recursos naturais; e promover o uso ordenado do território de forma a permitir o seu uso público para fins recreativos, sem prejudicar a continuidade dos processos evolutivos.

É caso para pensar que se virou o feitiço contra o feitiço. Desde 1988 que moradores do Pinhal de Ofir têm chamado a atenção dos organismos competentes (Câmara de Esposende, Gabinete da APPLE, Instituto de Conservação da Natureza, Ministério do Ambiente), por escrito e apresentando provas fotográficas, do vandalismo demonstrado pela invasão de terrenos (pinhais e dunas) por viaturas de todos os tipos. Em Dezembro de 1994, a APPLE colocou marcos de madeira na periferia dos pinhais a Norte do Hotel Ofir, numa tentativa de impedir a entrada de viaturas no pinhal. De nada serviu, pois rapidamente foram retirados por quem se acha no direito de invadir os pinhais, ou seja, por quem acredita que os fins justificam os meios.

“O Público” de 11 de Abril corrente passou uma notícia na rubrica local, ‘Ecologistas contra construções em Ofir’, em que as organizações ambientalistas Quercus, Corema e Fapas, se insurgem violentamente contra a construção de moradias ‘numa zona de pinhal onde já se iniciou o abate de árvores - a construção impõe o desaparecimento de centenas de exemplares’. Nada tenho a ver com esta urbanização proposta para o Pinhal de Ofir. Não sei sequer se está dentro dos moldes de ocupação e volumetria definidos como adequados para a zona. No entanto, caso esteja, sou totalmente a seu favor, pois assim haveria finalmente garantia de preservação dessa zona de pinhal, que já é e sempre foi uma zona de moradias. A localização da urbanização em duna secundária, como também é referido, é irrelevante, pois entre a duna primária e a secundária passa uma estrada. Infelizmente, a zona em causa para implantação das moradias não é ‘de elevado valor ecológico’, como também é apregoado, pois o pinhal está muito degradado e não há qualquer espécie animal ou vegetal com interesse relevante. Quem confunde construção de moradias com ‘betonização do pinhal’ e mete todos os empreiteiros no saco dos ‘patos-bravos’ não tem qualquer noção do que é desenvolvimento sustentado.

O Sr. Carvoeiro (Público de 11 de Maio de 1998), morador em Fão, afirma que o pinhal não tem sido destruído pelas pessoas, ‘que podem, aqui ou ali fazer uma fogueira’. Será por acreditarem nisso que o grupo que agora apregoa a defesa do pinhal de Fão/Ofir (MDPO) nunca antes se tenha pronunciado sobre a sua destruição por invasão de toda a espécie de veículos e pisoteio intensivo... Terei todo o prazer em lhe entregar cópias de fotografias e de documentos, desde 1988, que revelam a incoerência da sua argumentação. As organizações ambientalistas e o grupo MDPO esquecem-se de que:

— o abate de centenas de árvores tem vindo a ser feito de forma encapotada pelos milhares de automobilistas que entram com as viaturas dentro do pinhal (que é proibido) e utilizam corte de árvores para foguear (que é igualmente proibido);

— o crescimento de novas árvores nos terrenos sem moradias tem sido impedido pelo pisoteio intensivo das viaturas e pessoas, não havendo um único pinheiro novo a crescer na zona a Norte do Hotel Ofir;

— a única reflorestação tem vindo a ser feita pelos moradores, que naturalmente querem proteger a zona. E este é um facto indesmentível.

A APPLE tem demonstrado uma total incapacidade em resolver a situação caótica que se vive na zona, e não apresenta qualquer solução minimamente eficaz. O seu Director, Dr. Fernando Gonçalves, afirma (Público de 27 de Abril de 1998), que é preciso que as pessoas se convençam que têm de se distribuir por outros locais’. Não entendo é como esta ideia pode ser levada à prática... Não é também com muitas passadas a algumas centenas de automobilistas que se resolve este problema, pois senão já estaria resolvido desde 1991 (data em que se aplicaram as primeiras multas).

Alguns fangueiros (moradores de Fão) propõem a criação de um parque biológico e de um parque de merendas com regras bem definidas (JN de 1 de Maio de 1998). Concordo plenamente com esta ideia, mas é necessário garantir a localização correcta destes parques. Qualquer ordenamento territorial terá que ser visto através das especificidades de diversas zonas no Pinhal. Não se devem misturar parques de merendas (ou de campismo) com zonas de moradias, sob pena de destruição completa das características desejáveis para cada uma destas zonas. Desde 1945 que o norte do Hotel Ofir se constituiu numa zona de moradias. A Sul do Hotel Ofir, sobretudo a sul da urbanização da sr.ª da Bonança, há ainda imensas zonas de pinhal sem qualquer moradia. Pode-se e deve-se equacionar aqui a implantação de algumas infraestruturas de lazer público.

Na minha opinião, a solução para o Pinhal de Fão/Ofir passa por:

— Impedir por barreiras físicas (inamovíveis pelos automobilistas) a circulação de viaturas dentro dos pinhais e na restinga (que é realmente o cordão dunar prolongamento da faixa arenosa a Norte da zona de moradias já existentes e não como erradamente é referido na notícia de 11 de Abril no jornal Público);

— definir rigorosamente onde e como se podem construir moradias dentro do Pinhal, obrigando por cada pinheiro derrubado ao cultivo de dois (ou o número que a APPLE achar mais adequado); parece-me evidente que zonas de moradias deverão continuar a ser de moradias; — e criar verdadeiros parques de campismo e merendas, mas apenas em pinhais não confluentes com zonas de moradias, com infraestruturas dignas. Na zona referida, tais condições apenas se verificam, dentro da APPLE, a sul da urbanização da senhora da Bonança.

ROMUALDO SALCEDO
Professor Universitário
Morador do Pinhal de Fão/Ofir

NR: Esta carta foi enviada ao jornal “O Público”

14.º ANIVERSÁRIO

Pois é. O tempo passa. Parece que foi há dias que “nasceu” *O Novo Fangeiro* e já lá vão catorze anos.

Como é habitual, o evento foi devidamente comemorado com um jantar na “RITA FANGUEIRA”, que reuniu em alegre confraternização o Director e todos os seus colaboradores.

A refeição estava ótima, a camaradagem melhor ainda — se possível — e respirava-se o ambiente são e reconfortante de quem tem a consciência de “missão cumprida”. Todos a tinham, todos haviam dado o melhor do seu esforço e dedicação, ao longo de mais um ano.

E esse sentimento reflectiu-se nas palavras do nosso Director e de todos os outros oradores, que compartilhavam a satisfação resultante do objectivo atingido.

De revelar a habitual e artística lembrança do colaborador senhor Fernando de Almeida, oferecida ao Director de *O Novo Fangeiro* em nome de todos os colaboradores — com a modéstia do costume.

O bolo de aniversário veio para a mesa. Acenderam-se as velas e apagaram-se as luzes.

Então, à claridade amarelada e discreta do candeeiro da rua, sopraram-se as velas e toda a gente cantou, emocionada, os “Parabéns”.

Foi lindo. Gente de Fão e gente de fora, todos imanados no mesmo sentir e no mesmo sincero voto:

Até para o ano, se Deus quiser!

Maria Emília Côrte real

Esposende 2000

A Esposende 2000, Actividades Desportivas e Recreativas, E.P., empresa gestora das Piscinas Foz do Cávado, informa através do presente, que partiu no dia 14 de Maio (quinta-feira) das Piscinas Foz do Cávado em Esposende, a expedição organizada pelo Clube Infante D. Henrique e SIPRE (canoas e Kayaks) que vai integrar a “Vogalonga 1998”.

Esta comitiva que conta com a presença de cerca de 35 participantes, entre os quais alguns espanhóis, têm a sua chegada prevista a estas mesmas piscinas no dia 17 de Junho (domingo).

Esta prova intitulada de “VOGALONGA 1998” é um passeio de Kayak, com cerca de 30 km, que se realiza anualmente pelos canais de Veneza, através das mais belas e pitorescas partes da Lagoa de Veneza.

A prova começa na baía de S. Marcos. Depois de contornar a Ilha de Santa Helena, os participantes remarão ao longo das cotas das ilhas: Vignole, Sant’Erasmo e S. Francesco del Deserto. Burano é meio caminho de Prova, após que os participantes remarão ao longo das costas das ilhas: Mazzorbo, Madonna del Monte e S. Giacomo in Palude. Seguidamente os participantes entrarão em Murano pelo Grande Canal. Chegando a Veneza, os participantes entrarão na Cidade pelo Grande Canal e dirigir-se-ão à Dogana em frente a S. Marcos.

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Estamos quase no fim de mais uma etapa na vossa vida de estudantes! Oxalá os resultados compensem. Para que as férias que se seguirão sejam vividas em alegria!

NO JARDIM DA DONA GERTRUDES

No jardim da Dona Gertrudes havia um muro muito velho, coberto de musgo e de sardinheiras, ladeado por um grande maciço de hidrângeas, muito lindas e azuis. E nesse muro ficava um formigueiro donde, de vários buraquinhos, saíam e entravam muitas formigas obreiras que, na sua constante labuta, levavam para a despesa do formigueiro comida, para resistirem ao Inverno, que já se aproximava.

Entre essas formigas – daquelas grandes e castanhas, que abundam no campo – salientava-se uma que era a mais trabalhadora. Chamava-se Lili e acarretava permanentemente para o formigueiro pedacinhos de folhas, grãos e tudo quanto via que podia ser comido.

Numa das suas sortidas, a Lili encontrou uma pequena carocha que, para ela, era enorme. Estava morta e de patas para o ar. Como não tinha forças para a arrastar sozinha, foi ter com duas das suas colegas, a Pipinha e a Bolota, pedindo-lhes ajuda. E assim foi, as três conjugaram os seus esforços para a arrastar sozinha, e lá foram arrastando a carocha, penosamente, subindo folhas e contornando pedrinhas, pela carreirinha que era o seu caminho habitual. No trajecto apanharam um enorme susto com o aparecimento da Dona Sardanisca, que felizmente estava ao sol, a dormir profundamente.

Chegadas ao formigueiro, experimentaram entrar num dos buracos com a carocha, mas o orifício era muito pequeno. De tentativa em tentativa foram experimentando as várias entradas, até que encontraram uma maior. A Lili pôs-se à entrada enquanto que a Bolota e a Pipinha empurraram, tanto quanto as suas seis patinhas o permitiam.

A Carocha morta entrou assim no formigueiro e, sempre carregada pelas três valentes formiguinhas, acabou por chegar ao celeiro. fatigadas de tanto trabalho, a Lili, a Bolota e a pipinha, saíram do formigueiro e puseram-se ao sol, a descansar. todavia, fizeram-no por pouco tempo e lá continuaram com as suas muitas companheiras, em busca de comida, que o Inverno podia ser rigoroso e tinham que sobreviver.

ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

PAUSA PARA SORRIR

Um professor de História está a explicar:
– Os primeiros escritos fêz-los o Homem em pedra.

Um dos alunos solta uma exclamação e começa a rir-se. o professor interroga:

– O que há, menino? Que é que tem tanta graça?

Responde o aluno:

– Estava a pensar na quantidade de selos que teria de gastar o desgraçado que quisesse enviar uma carta!

Um visitante, numa vila, não conhece o caminho para a Praça Principal. Pergunta, então a um homem idoso que está encostado a uma parede, por onde deve ir.

Calcule-se a sua surpresa ao ouvir a resposta do velhote:

– Vá sempre em frente até lhe cheirar a farmácia. Depois vire à esquerda até lhe cheirar a iscas. Siga em frente até lhe cheirar a sardinhas assadas, e é aí.

(O velhote era cego).



Desenho de JOANA SÍLVIA (9 anos)

DOR ETERNA

*O céu chora.
E à medida que
As suas grossas lágrimas
Se depositam na terra fria,
Um vento cortante levanta-se.*

*E sinto-me afogar
Num mar de lágrimas
E folhas secas.
Estou só.
Estou sem ti.*

*E é em vão
Que os meus olhos, ávidos,
Procuram os teus olhos negros,
Por entre
A cortina de água.*

*Será assim a eternidade?
Será este o meu destino?
Lembrar-me de ti
E amar-te
Sem poder encontrar-te?*

*Talvez.
Mas resigno-me,
E reduzo-me
À minha real insignificância
Perante a saudade.*

MARTA MARIZ MENDES

17 anos

Realidade por desvendar

*Madrugada incapaz
Angústia matinal
Debruçada sobre um poço
Lágrimas do passado!*

*Mar presente
Vais e voltas!
Rio passado
Como és longe...*

*Manhã quente
Sol ao acordar
Outono ou Verão?
Realidade por desvendar.*

FILIPA MAGALHÃES

18 anos

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

A FESTA DE SANTO ANTÓNIO (CONTINUAÇÃO)

No "Farol Fãoense", n.º 1, de 8-7-1915, vem uma notícia que refere que os romeiros rezavam fervorosamente ao Santo, agradecendo a cura de porcos, vacas e bois.

O BOI DE FOGO - "O boi fingido massava com tanta galhardia que alguns espectadores foram obrigados a uma pega de caras para amansar-lhe o areor (ardor). No fim de algum tempo deitaram-lhe fogo, ficando a carcassa que, graças ao Santo, transformou-se outra vez no que era: - uma banheira".

Este costume chegou aos nossos dias.

Também era uso suspender no ar cântaros de barro, com prendas (às vezes pombas, frangos, amendoins e até água), que os "valentes", qual D. Quixote, armados com uma espada, atacavam e, num salto, tentavam partir.

Havia corridas de sacos, poste encebado, tendo no cimo um grande bacalhau, etc.

A festa religiosa constava de missa, de outros actos de culto ao santo e sermão.

Havia música no coreto.

Nessa época a festa realizava-se a 13 de Junho.

Depois, mais tarde, passou para Setembro, talvez por ser mais fácil recolher cereais, feijão, etc., entre os lavradores, para, com a sua venda custear a festa. Tornou-se, assim, numa festa de fim de colheitas.

A última festa parece teve lugar em 1989.

Consta que este ano voltará a reatar-se a tradição.

OUTRAS FESTAS RELACIONADAS COM O BOM JESUS

1 - FESTA DE S. BARTOLOMEU DO MAR

S. Bartolomeu é festejado em S. Bartolomeu do Mar há muitos séculos.

Nos séculos XVIII e XIX (até 1816/1817), a Irmandade do Bom Jesus de Fão arrecadava importantes verbas no dia dessa festa, por vezes mesmo mais do que na Festa do Corpo Santo.

Exemplos: 1731/32 - 18.842 réis; 1733/34 - 21.240 réis; 1732/33 - 24.411 réis.

Nesse dia vendiam "Fitas" e "Medidas".

As medidas correspondiam à circunferência do pescoço (as menores) e da cinta (as maiores), da Imagem do Bom Jesus.

Parte das emolas eram arrecadadas na Capela, em Fão, mas parece que a Mesa montava alguma tenda em S. Bartolomeu do Mar para recolher esmolas e vender fitas e medidas.

2 - FESTA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

Esta festa tem lugar nas Necessidades-Barqueiros.

A partir de 1767/68 até 1833 a Irmandade recolheu esmolas e vendeu medidas nessa festa.

3 - SENHORA DOS PRAZERES

É festejada anualmente na Póvoa de Varzim; onde havia imensos devotos do Bom Jesus de Fão e até muitos irmãos. Aí havia mordomos da terra.

Certamente eram estes mordomos que vendiam fitas e medidas e arrecadavam esmolas para o Bom Jesus (há registo desta receita entre 1777/78 e 1831).

A contribuição anual dos poveiros para o Bom Jesus de Fão era tão importante que até havia um livro só para registo dessa receita! os pescadores davam uma percentagem do pescado para o Bom Jesus.

No dia da festa do Senhor de Fão os mordomos poveiros entregavam as esmolas recolhidas durante o ano. A Irmandade recebia-os com grande carinho, dando-lhes comida, vinho e dormida.

PARTIDO POPULAR JANTAR DE GALA NO HOTEL OFIR

No Hotel Ofir efectuou-se a tomada de posse, no dia 15 de Maio, da Comissão Política Concelhia do Partido Popular e da Comissão Política Concelhia da Juventude Popular.

Presentes estiveram o dr. Paulo Portas, Presidente-Nacional do Partido Popular, Pedro Mota Soares, Presidente da Juventude Popular e algumas centenas de apaniguados.

Eduardo Viana leu as respectivas actas e fez a chamada de todos os elementos eleitos para aqueles dois órgãos.

Usaram da palavra o Presidente concelhio, Álvaro Maio, Franklim Torres, vereador PP da Câmara de Esposende, o dr. Paulo Oliveira, reeleito Presidente concelhio da Juventude Popular, Pedro M. Soares, o dr. Pedras, Presidente da Distrital e por fim o dr. Paulo Portas.

A.V.

O caso do Pinhal de Fão

O possível abate de pinheiros no pinhal da praia continua na ordem do dia.

No sábado, dia 30, deslocou-se a Fão uma comitiva do PS constituída pelos drs. Juvenal Silva e dr. José Luís Correia Azevedo e ainda pelos deputados eng. Artur Lopes e dr. António Reis para se inteirarem in loco do caso do pinhal.

Houve uma visita ao local da Restinga, seguindo-se uma conferência de imprensa onde entrevistaram José Luís Ribeiro, do PS de Fão, dr. José Luís, dr. António Reis e eng. Artur Lopes.

Os dois primeiros puseram os deputados ao par do que se passava e os dois deputados prometeram informar os responsáveis do Governo sobre o caso em questão.

O representante da Rádio de Esposende e de O Novo Fangeiro fizeram algumas perguntas que de certo modo se tornaram incómodas para aqueles membros do Parlamento.

Para além das promessas dos deputados, quase nada mais se concluiu.

Placa indevida

No início da R. Artur Sobral foi colocada uma placa de trânsito proibido.

Tanto a nós como a muito boa gente aquele sinal causou bastante surpresa porque vai "matar" um dos bons restaurantes da terra. Com efeito muitos automobilistas aproveitavam aquela via para aparcar e comer no restaurante Martins dos Frangos. Agora, e uma vez que a estrada nacional é de muito trânsito, não tendo onde estacionar, seguem em frente.

O dever de uma autarquia é favorecer os negócios dos seus fregueses e jamais prejudicá-los. Assim, com aquela placa a proibir a entrada na rua, o movimento vai ser afectado substancialmente. Com certeza que não é isso que querem os autarcas de Fão.

E agora não façam perrice. Só porque é O Novo Fangeiro a criticar tal iniciativa. Tirem aquele sinal de trânsito.

A.V.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 8 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 63 748 - FAX 66 73 66
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 769 72 04 - FAX 769 7206

EFEMÉRIDE

*Tem a ver com a idade,
na vida, certa mudança;
Prepara-se a mocidade...
Adeixar de ser criança.*

*Já são muitos anos de vida,
Mas muitos mais para andar!...
E assim não é esquecer
Esta data a celebrar.*

*Mais um ano sucedeu
A este feliz evento
E que os presentes encheu
de enorme contentamento.*

*Adivinham... oh, se não!...
O convívio anual
Do "Novo Fanguero", em Fão,
E que foi excepcional.*

*Isso mesmo: grande Festa...
(Não um encontro qualquer)
E a alma assim manifesta
A alegria que tiver!...*

*Deste modo decorreu,
Com belas intervenções,
E este facto mereceu
Aplausos e vibrações.*

*Ser último é ser primeiro
E aqui assim acontece,
Pois foi este ilustre Obreiro,
E que o "Jornal" engrandece,*

*Que com brilho e valor
Encerrou com chave de ouro:
Ele mesmo, o Director
- Do seu "Fanguero" o tesouro!*

*E louvor merecerá
O préstimo edificante,
Que o Colaborador dá,
Mais o Amigo e Assinante.*

Florinda Botelho de Almeida

NÃO VAI EM CANTIGAS

A directora do Hospital de Riba d'Ave, não vai em cantigas de satisfazer a vontade de certas mulherzinhas que desejam abortar, à face da lei mundana, ou da lei deste Portugal consagrado a Nossa Senhora. Parabéns, pois que o hospital ou hospitais da Misericórdia, devem ser misericordiosos para com o povo, para com os seres humanos; e o de Riba d'Ave assim está a proceder.

Senhor director, muitíssimos parabéns.

PARABÉNS

Queremos dar os nossos maiores sinceros parabéns, por um periódico que se intitula de [O Novo Fanguero], pois já vai no seu 14 aniversário e que, nós de bem longe o conhecemos por um assinante que de Fão era, mas que casou e veio residir para Covas-Polvoreira-Guimarães, e que sempre me mostrava para passar a vista pelo seu conteúdo, o que muito gostava. Esse senhor que veio a falecer ultimamente, era meu amigo e meu genro muito querido, o sr. António Carlos da Graça Peixoto. Por ver que o O Novo Fanguero traz notícias boas e exemplares, assinei-o também, vendo que o seu director é pessoa impecável e amigo do seu amigo. Muitos parabéns e que continue na senda de bem fazer e bem actuar por muitos e óptimos anos.

Alberto José Moreira Pereira

Atouguia - R. H. 222-1.º Dto - 4810 Guimarães

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vespa da Game, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE - TELÉF. (083) 961566

FALECIMENTOS

- Com a idade de 86 anos faleceu no dia 13 de Maio, Cândida de Sousa Gomes, mais conhecida por Cândida Francisca Rosa. Era hóspede do Lar da Terceira Idade há 20 anos.

- Depois de prolongada doença, faleceu no Hospital de S. João, no Porto, a nossa conterrânea Elvira Ferreira do Vale. Foi sepultada no cemitério de Fão.

- No hospital da terra faleceu a nossa conterrânea Maria América Campos Pereira (Quinhas Pereira) após longo e doloroso sofrimento.

Na missa de corpo presente interveio o Grupo Coral de Fão da que a falecida fazia parte. Tanto a sua doença como o seu passamento foram sentidos com muita emoção.

- António Soares da Silva, filho de Adolfo Donana, tendo estado internado no Hospital de Fão foi depois transferido para o Hospital de Barcelos onde veio a falecer. Contava 47 anos. Veio a ser sepultado no cemitério paroquial de Fão.

- Devido a grave acidente de moto, faleceu no hospital de S. João, Porto, o nosso conterrâneo Fernando Albino Campos Alves Pimenta, com 56 anos.

Teve missa de corpo presente no Mosteiro do Bom Jesus, seguindo o funeral para o nosso cemitério com grande acompanhamento de pessoas.

- Com a propecta idade de 94 anos faleceu em Esposende Samarina Pereira que era irmã do saudoso António Agonia Pereira.

Foi a enterrar para o cemitério da sua terra, com grande acompanhamento.

- No dia 3 de Junho faleceu no hospital de Braga o nosso conterrâneo António Gomes do Vale, com 48 anos de idade. É uma idade imprópria para morrer. Era funcionário do hospital. Há anos foi operado in extremis ao coração em Londres, levado por seu irmão, o dr. Alberto Vale.

Vivia com muitas cautelas. Ultimamente paralisaram-se-lhe os rins. Foi levado para o hospital de S. Marcos. A morte sobrepôs-se.

O seu enterro constituiu uma impressionante manifestação de pesar, de solidariedade e de consideração.

A todas as famílias enlutadas enviamos condolências.

"COMBUSTÍVEIS OFIR, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LIMITADA"

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE

N.º de matrícula: 00882. N.º de Identificação de pessoa colectiva.

N.º de inscrição: N.º 1. N. e data da apresentação: 02 - 98-05-12

MARIA MANUELA AMARO MARQUES, 2.ª ajudante, CERTIFICA que RAMIRO MARTINS CASTANHO casado com Carmelita Maria Catarino, na comunhão geral, foi CONSTITUÍDA a sociedade em epígrafe que se rege pelo seguinte contrato:

ARTIGO PRIMEIRO

Um - A sociedade adopta a firma COMBUSTÍVEIS OFIR, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA.

Dois - A sua sede é na Avenida Sousa Martins, Ofir, freguesia de Fão, concelho de Esposende.

Três - Por simples deliberação da gerência poderá a sede social ser transferida para outro local do mesmo concelho, ou para concelho limítrofe e estabelecer sucursais, filiais ou qualquer outra forma de representação dentro do território nacional.

ARTIGO SEGUNDO

O objecto da sociedade é o comércio a retalho de combustíveis e seus derivados, acessórios de automóveis, prestação de serviços de reparação, compra e venda de automóveis e seus acessórios.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social corresponde a uma única quota, no valor nominal de quatrocentos mil escudos, pertencente ao sócio Ramiro Martins Catarino.

ARTIGO QUARTO

Um - A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, compete aos gerentes eleitos em Assembleia Geral, pelo prazo e condições que nela vierem a ser estabelecidos.

Dois - É desde já nomeada gerente Maria Alice Carvalho Vilas Boas Nascimento, casada, residente na Avenida Sousa Martins, Ofir, freguesia de Fão, concelho de Esposende.

Três - Para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos é suficiente a intervenção de um gerente.

ARTIGO QUINTO

Um - A divisão e cessão de quotas depende do consentimento da sociedade.

Dois - É atribuído ao gerente ora nomeado o direito de preferência nos casos previstos no número anterior e ainda no de aumento de capital por entrada de um novo sócio.

Mais declarou o outorgante que não é sócio de nenhuma outra sociedade unipessoal por quotas e que a gerente ora designada fica desde já autorizada a celebrar para a sociedade ora constituída e mesmo antes de efectuado o seu registo na competente Conservatória, quaisquer contratos de compra e venda e a adquirir para a sociedade todo o materia necessário à sua laboração e a levantar para tal fim, da conta aberta em nome da sociedade, no Banco Fonsecas & Burnay, S.A., com o capital social realizado, a quantia de quatrocentos mil escudos.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

NUMERADAS AS FOLHAS UMA A TRÊS.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, AOS 22 DIAS DO MÊS DE MAIO DE 1998.

O Ajudante,
a) Maria Manuela Amaro Marques

TEMPOS DE INTEMPÉRIE RELIGIOSA

A Igreja católica viu-se ultimamente em situações difíceis mercê de actuação ou comportamento de algures dos seus ministros. O caso mais chocante sucedeu com o já famoso padre Frederico, sacerdote brasileiro considerado um assassino pela justiça portuguesa e é, a avaliar pelas descobertas da P. J. no seu quarto, um elemento da classe gai.

Houve também um padre de Pedrógão, Carlos é o seu nome, que se apaixonou por uma parouquiana de quem houve um filho. O aborrecido da questão é que o sacerdote em causa não quer abandonar nem a sua namorada nem o fruto dos seus amores, nem tão pouco a sua condição de sacerdote. A Igreja, como se sabe, não pode sancionar esta opção pelo que o imbróglho se mantém.

Há quem defenda que os padres deviam casar, o que evitaria muitos casos aborrecidos como este. Estamos, porém, convencido que se os padres casassem, outros casos mais aborrecidos surgiriam. Já imaginaram a esposa de um pároco a "topar" uma dama a confessar-se quase todos os dias com o seu "home"?

A igreja na sua infinita sageza vai protelando indefinidamente essa "aspiração" e lá sabe por que motivo o faz.

E depois a igreja tem atravessado por períodos de crise muitíssimo piores que aqueles em que actualmente vive. Vamos remontar ao século nono, mais precisamente a um novo papa com o nome de João VIII. Esclarece-se que o papa desta altura agia como um rei dentro das terras sobre as quais apenas devia exercer jurisdição espiritual. O bispo de Roma, com o andar dos anos, tornou-se o senhor feudal da cidade e quando Pepino o Breve, de França, cedeu ao papa alguns estados que havia conquistado à volta de Roma, a Santa Sé viu apliado substancialmente o seu poder temporal, poder este que aumentou ainda mais quando no século IX o rei de França, Carlos, o Calvo, pôs sob a soberania do papa vários estados nobres lombardos, situados ao sul de Roma.

A concessão destes territórios, que no fundo resultavam do esbulho feito aos seus legítimos proprietários acarretavam sobre o pontífice romano ódios e malquerenças.

Mas nós estávamos a falar do papa João VIII que tinha sido eleito em 14-12-872. Não nos esqueçamos que estes tempos eram de grande turbulência. E por quê? O contacto entre os imperadores do Oriente e do Ocidente provocava choques frequentes. Em estado de choque estavam também as relações entre o papa de Roma e o patriarca de Constantinopla. Cada um deles considerava-se o detentor de verdade. Não deve esquecer-se ainda a luta e a rivalidade existente entre o rei de França e o da Alemanha, ambos desejosos do título de Imperador do Ocidente que o papa conferia e bem assim o antagonismo que se verificava entre algumas famílias nobres romanas cuja força ia ao ponto de eleger (ou matar) papas e imperadores.

João VIII acabou por aceitar a reincorporação do bispo Fócio na sede patriarcal de Constantinopla o que aparentemente veio acalmar a tensão religiosa existente. Era no entanto podre a paz que esta medida trouxera. O palácio de Latrão, sede do bispo de Roma, convertera-se num vespeiro de intriguistas e espíões. João VIII que era pessoa decidida e enérgica, mergulhara fundo na política

do tempo. Os seus inimigos não lhe perdoaram algumas opções tomadas e condenaram-no à morte.

Começaram por deitar-lhe veneno na comida. O papa resiste, ou seja, não morre. Aumentam-lhe a dose, mas João VIII sobrevive. Então optaram por uma morte mais violenta e assim assassinaram-no à martelada. "Le mataron de un martillazo en la cabeza" assim reza a notícia inserta no livro *Historias de la corrupcion* cujo autor é Ricardo de la Cierva, de onde coligimos algumas destas notas. Isto aconteceu em 15 de Dezembro de 882.

A cristandade estremeceu de horror mas a vida não parou. Muita água correu sob as pontes do Tibre, foram eleitos novos papas e entre eles um tal bispo Formoso que João VIII havia escolhido como seu legado, uma espécie de ministro dos negócios estrangeiros, mas que acabara por o destruir e desterrar. Via nele um grande rival.

O papa Formoso, que parece ter morrido de morte natural (896), fez e teve muitos adeptos bem como inimigos profundos. Pode dizer-se que com ele e depois dele o mundo cristão se dividiu em dois partidos: o dos formosianos e o dos anti-formosianos.

Chegamos entretanto ao reinado de Estêvão VI - estamos em 896 - que, pressionado pelos novos manda-chuvas de Roma, convocou um novo Concílio em S. Pedro com uma particularidade macabra: foi exigida a presença do cadáver do bispo Formoso - o tal que provocava ódios profundos - que havia falecido nove meses antes. Um diácono, transido de medo, foi colocado à direita da múmia do falecido Formoso, cujas vestes se encontravam meio apodrecidas, e teve que fazer de advogado de defesa perante as acusações que lhe faziam os julgadores, ante a presença do papa Estêvão. A sentença é inconcebível. O cadáver do desgraçado Formoso foi aviltado e desnudado até lhe aparecer o seu cílio encravado no corpo enegrecido. Todos os actos sancionados por ele foram anulados e o seu cadáver lançado sem dó nem piedade na corrente do rio.

Mas a saga do pontífice não termina aqui. Os partidários de Formoso, ou melhor, as famílias nobres de Roma revoltam-se, derrubaram Estêvão VI e nomeiam papa um tal Romano que morreu ao fim de quatro meses, sucedendo-lhe um outro papa efémero, Teodoro II, que apesar de governar três semanas, ainda assim teve tempo para convocar um novo sínodo, reabilitar Formoso e convalidar todos os actos e ordenações que tinham sido anulados no tal concílio atrás descrito que ficou conhecido na história como o *conclio cadavérico*. Ao tomar-se conhecimento que o cadáver de Formoso havia sido encontrado por um eremita, foi de novo o seu corpo trazido para a Catedral de São Pedro e aí sepultado.

Mas há mais para contar. Perante a morte súbita de Teodoro II - morte natural ou forçada? - os dois partidos rivais de Roma apressam-se, cada um deles a apresentar o seu protegido: o anti-formosiano Sérgio e o sacerdote romano João. Nas primeiras eleições ganha Sérgio o lugar, mas um novo motim formosiano acaba por o destruir e os adeptos de Formoso colocam na cadeira pontifícia outro papa, exactamente João IX. Entretanto o papa destituído não renunciou ao cargo. Ocultou-se na sombra "à espera da sua vez. Digamos que ficou em *stand-bay*.

O novo papa revelou-se moderado e bondoso. E quando se perspectivava uma paz duradoura para

a Igreja, João IX morre. Morte natural ou forçada? Não se sabe.

Foi eleito um novo pontífice, Benedito IV que não faz história e que morre cedo (Julho de 903). Logo após o seu passamento, reacende-se de novo a luta entre formosianos e não formosianos. O partido formosiano ganhou e foi ocupar a cátedra pontifícia um novo papa: Leão V que não tem tempo para sorrir. Com efeito, um golpe palariano, preparado por um sacerdote da corte, Cristobal, depôs Leão que é encerrado nas masmorras. Mas também Cristobal não teve tempo para aquecer o lugar. O antigo papa Sérgio III, o tal que tinha ficado em *stand-bay*, ajudado por políticos importantes, provoca um novo golpe de estado, ocupa a cadeira gestatória e encerra o papa Cristobal nas masmorras onde se encontrava o também destronado Leão V. Ambos são submetidos a horríveis torturas e no fim são executados por piedade.

Resumindo: um papa manda matar dois papas. Não foi por acaso ou capricho que este século, desde finais do séc. IX até muito dentro do século X, passou a ser conhecido pelo século de ferro.

(Continua)

CONFERÊNCIA DE ROTÁRIOS

No hotel Nélia realizou-se a costumada reunião do Rotary Club de Esposende que teve a ilustrá-la uma palestra proferida pelo capitão-tenente Silva Barroso, director da Estação Rádio Naval de Apúlia. Como era de esperar, a intervenção do ilustre marinheiro teve por tema as Comunicações que se fazem por via aérea, via marítima e por satélite.

Foram mencionados os cuidados a observar quando se enviam mensagens, perguntou-se qual o papel de uma estação rádio-naval, como surgiu a estação de Apúlia naquele sítio e porquê ali, qual a intervenção do Comandante Ramos Pereira na sua localização, enfim, o passado e o presente da estação foram ali escarpelizados.

No final, o director Silva Barroso colocou-se à disposição dos presentes e de pronto respondeu às perguntas que lhe foram feitas e elas foram bastantes e algumas curiosas: se foi verdade que aquela estação contribuiu para a localização do Santa Maria quando este barco foi tomado por Henrique Galvão, e se foi verdade também que em manobras navais da Nato um submarino português entrou subrepticiamente no centro nevrálgico das operações e emergiu à superfície sem ter sido detectado. Foi verdade, sim senhor.

FESTA DE SANTA CRUZ

A mesa da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus de Fão realizou com a maior solenidade a tradicional festa de Santa Cruz, iniciada com uma novena preparatória. No sábado, dia 2 de maio, houve uma hora santa e no domingo realizou-se missa solene de manhã. Na parte da tarde esteve exposto o Santíssimo Sacramento e foi proferido um sermão por um distinto orador sagrado. Seguiu-se uma procissão solene e no santuário houve bênção final.

O Grupo Coral do Bom Jesus abrilhantou os principais números.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



LUTA CONTRA A EROSÃO

EROSÃO

A erosão é um processo semelhante ao que leva à formação dos solos, mas, quando muito acelerado, principalmente no aspecto de transporte dos detritos das rochas, produz resultados opostos.

A erosão, no sentido agrícola, é a destruição do solo, sob a acção de agentes meteorológicos, particularmente a chuva e o vento. Uma e outra arrastam-no, transportando-o para outros lugares.

Assim, há dois prejuízos, pois o solo transportado vai cobrir o solo formado no outro local e, como o transporte separa os seus vários componentes, perde qualidades, sendo, portanto, uma camada estéril a sobrepor-se ao existente. Nalguns casos os materiais finos, que são os mais ricos, como sabemos, ao serem arrastados pelos rios em cheia depositaram-se sobre os aluviões, fertilizando-os como sucede nas lezírias do Tejo. Contudo, os inconvenientes trazidos pela cheia são um preço muito elevado para essa fertilização, facilmente substituída pelos adubos, além de ser feita á custa da destruição dos solos arrastados pelas águas. Por isso, em todas as circunstâncias, a erosão, quando mais rápida que a reconstituição natural do solo, é um agente puramente destrutivo, que deve ser controlado.

TIPOS DE EROSÃO

Erosão eólica

É a erosão provocada pelo vento. As condições necessárias para se dar são a falta de estrutura, de coesão, de cobertura vegetal e a secura, em regiões planas, onde o vento pode soprar à vontade, adquirindo alta velocidade.

Em Portugal só encontramos estas condições junto à costa, nos areais, onde sopra o vento marítimo. O prejuízo maior não é causado às areias, mas sim aquele causado por elas, ao serem atiradas para cima dos solos do interior, cobrindo-os de uma camada estéril.

Geralmente, estes depósitos tomam a forma de dunas, que avançam lentamente, alguns metros por ano.

Erosão pluvial

Para os solos serem arrastados pelas chuvas, além da falta de estrutura e coesão, são necessárias duas condições: chuva intensa e um declive que faça escorrer a água com velocidade suficiente para transportar as partículas dos solos. Quanto maior for cada um desses factores, mais intensa é a erosão.

As nossas chuvas invernais são geralmente abundantes, e o factor que mais varia é o declive do solo. Por isso, a intensidade da erosão é relacionada com o declive e a estrutura. A erosão provocada pela chuva apresenta dois tipos principais: laminar e em ravinas.

Erosão laminar

Neste caso, a chuva arrasta o solo em camadas delgadas, desgastando-o até que, ao fim de alguns anos, os horizontes superficiais desaparecem. Esta erosão é difícil de notar e, por vezes, só depois de o solo estar reduzido a poucos centímetros, quando já não há remédio, ela se torna evidente.

Erosão em ravinas

Nos locais mais baixos acumulam-se as águas provenientes dos pontos altos e, escorrendo pela linha de maior declive, tomam tal velocidade que arrastam o fundo dessas baixas, abrindo valas profundas, chamadas ravinas. Estas, com o tempo, alargam e vão arrastando o terreno das encostas em volta, ramificando-se e abrangendo uma área cada vez maior. Outra forma desta erosão é a que se dá nos vales pequenos e apertados, quando grandes enxurradas saem do leito e arrastam as terras dos campos marginais.

CONSERVAÇÃO DO SOLO

O agricultor tem, contudo, vários processos que a erosão destrua o solo. Estes processos variam com a natureza da erosão, por isso os analisaremos em separado.

Combate à erosão

No nosso caso, o modo de evitar o avanço das areias é fixar as dunas. Isso pode conseguir-se por processos artificiais, como estacaria, sebes mortas, etc., ou por processos naturais, plantando vegetação permanente, cujas raízes seguraram as areias. As plantas deverão ser resistentes ao sol, à secura e ao vento. O bálsamo, planta gorda, estolhosa, pode ser muito eficaz mas o pinheiro, quando se adapta, é mais económico, visto poder pagar, com a madeira e a resina, pelo menos parte das despesas.

Combate à erosão pluvial em ravinas

A prevenção das ravinas é feita com os mesmos métodos referidos no número seguinte. O seu controle, quando iniciadas, depende da sua extensão. Quando são estreitas e a bacia de recepção é pequena, basta entulhar a ravina nalguns pontos, com materiais pesados ou fixos, como pedras, estacaria, etc., e a própria erosão acabará de a encher. Depois, devem-se usar os métodos preventivos.

Se são grandes, é preferível fixá-las, pois representam uma saída, que se pode aproveitar, para os grandes escorrimentos das chuvadas. Então o ideal é regularizar as margens, limpar o leito, não mobilizar o terreno numa faixa com cerca de 1m, ao longo das margens, e deixar a vegetação espontânea segurá-las com as suas raízes. Nalguns pontos, de início, poderão usar-se pedras ou estacas para consolidar as margens. Também é útil plantar árvores, cujas raízes ajudarão a segurar a terra, além de fornecerem abrigo contra os ventos.

Combate à erosão laminar

Neste caso, os métodos são mais ou menos complicados e dispendiosos conforme o declive é maior ou menor. Em certos casos, mesmo, o melhor é deixar de mobilizar o solo, recorrendo a culturas que o cubram permanentemente, como prados e matos. Assim se procede, em geral, para os solos acima de 25 por cento de declive, onde só estes aproveitamentos devem ser seguidos e, até, quando passem de 35 por cento, apenas podem ser submetidos à florestação.

(CONTINUA)

EM DEFESA DA LÍNGUA NA IMPRENSA

JORNADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Realizou-se em Guimarães, entre outras acções, debates sobre a defesa da língua portuguesa na Lusofonia e, ainda, "O papel da Imprensa na preservação e enriquecimento da Língua Portuguesa". A sessão decorreu no auditório da Universidade do Minho, sendo moderador o jornalista José Augusto Silva, em representação do IPIR (Instituto da Imprensa Regional).

As intervenções estiveram a cargo de Alonso Eire, em representação da imprensa da Galiza que defendeu o galego como língua comum com o português do Minho, das dificuldades do seu reconhecimento e a equiparação em Portugal. Depois, Handel de Oliveira, pela Rádio e a Imprensa de Guimarães, alertou para os erros graves e constantes que se detectam diariamente na imprensa, incluindo os "estrangeirismos" a propósito da participação de Portugal na União Europeia. Não deixou de fazer críticas aos acordos ortográficos e sobre o risco de se deturpar a língua portuguesa por efeito de interesses inconfessáveis.

José Luís, presidente do Gabinete de Imprensa de Guimarães e colaborador de jornal semanário de expansão nacional não considera que à imprensa regional deva ser assacada responsabilidades na defesa da nossa língua, porque informar para formar não implica essa obrigatoriedade, nem deve

responder a tais responsabilidades perante os leitores de quem discordamos. É, assim, o comportamento do dirigente de associação representativa da Imprensa Regional e de jornalistas. Mas, formadores e jornalistas profissionais da RTP do Porto reconheceram os erros cometidos pelos formandos saídos da Universidade Fernando Pessoa, cuja teoria acaba por ser inconciliável com a prática dos formandos. Não é surpresa, acontece em todos os níveis e sectores do ensino.

O Professor Brian, da Universidade do Minho aproveitou-se da intervenção do Alonso e fez a defesa acérrima do português como sendo o cordão umbilical entre os povos lusófonos e da Galiza. De resto, quando um dirigente de associação representativa de imprensa regional atira com o leitor para a sanita, onde julga lerem-se os anúncios sobre o melhor sabão ou produto equivalente e se deita fora, deslustrou os colegas de actividade. Porém, o público manifestou o seu desagrado pela forma desastrosa como foi tratado o português e a Imprensa regional que representa.

A organização destas jornadas esteve a cargo da Escola Secundária Martins Sarmento e o apoio da Universidade do Minho, entre outras numerosas entidades, além de ilustres filósofos e estudiosos da língua portuguesa naturais de Moçambique, Cabo Verde, Angola, Guiné e S. Tomé.

O IPIR (Instituto Português de Imprensa Regional) esteve representado pelo jornalista José Augusto, Dr. Luís Novais e por Artur Costa.

Artur L. Costa

OS LÍRIOS DE FÃO

*A menina cresceu no meio dos Lírrios
(lugar dos seus antepassados),
Campos, pinhal e silvados...*

*- Ah, como era lindo na Primavera!
Quando a poupa começava a cantar
E a cotovia, e a pêga a cacarejar...*

*A menina até se esquecia
Que havia silvados e se podia arranhar...
- Porque era isso que acontecia
Quando a menina corria...*

*Parece que a estou a ver,
Quando ela puxava a sainha p'ra baizo,
Para de cigana fazer,
E começava a cantar e a dançar...
- E as amiguinhas a ver...
- E quem passava, parava...
E ela, de braços no ar,
O corpo a gingar,
Não dava por nada!...*

*Mas a menina deixou-se adormecer...
E outras Primaveras passaram a correr...
E, quando de saudade acordou,
Ps Lírrios estavam mudados:
- Tinham sido desfolhados...
Oh, como tudo mudou!...
E a menina, de saudade se sentiu morrer!*

Maria Duval

O ANIVERSÁRIO DE O "NOVO FANGUEIRO"

Cumprindo um hábito que tem anos, dignou-se enviar-nos parabéns aniversariantes o ilustre esposendense e coimbrão de corpo inteiro, dr. Manuel Sobral Torres. Ao bom amigo a quem assinalámos falta no sarau dos antigos orfeonistas de Coimbra realizado no Porto, no dia 20 de Maio, os nossos agradecimentos.

Se és bairrista
utiliza o banco local

Se és bairrista
usa o Correio da terra

Se és bairrista
faz as compras em Fão

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

ORIGEM DOS NOMES DAS FAMÍLIAS

AMORIM – Tem origem toponímica este nome ligado à aldeia de San Juan de Amorim que fica perto de Tui. Um tal Hilário de Amorim, escudeiro e partidário, de John de Gande, Duque de Lencastre, veio para Portugal no tempo de D. João I. Acabou por casar com uma jovem da família Calheiros e mandou construir a torre de Amorim em terras de Ponte de Lima. Deixou sucessores que lhe perpetuaram o nome.

Suas armas: de vermelho, cinco cabeças de mouros de prata, decepadas e ensanguentadas, postas em aspa. Timbre: um braço armado de prata, suspendendo pelos cabelos uma cabeça de mouro.

CANTINHO DE PORTUGUÊS

Há alguns anos atrás estava na berra um jogador do Norte que dizia quando lhe perguntavam pelo resultado: "A gente ganhámos nós". Não está correcta esta expressão. O erro daquele jogador é muito comum. Muitas pessoas costumam dizer: "A gente vamos". Não se deve dizer assim. Ou diz-se "a gente vai" ou "nós vamos".

Em "a gente vamos" não se faz uma concordância de formas mas de ideias.

Com efeito a nossa atenção não se deteve na forma gente mas na ideia que ela comporta como colectivo que é.

OITO DEZENAS DE JOVENS ARTISTAS NA GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL

Inaugurou-se no dia 30 de Maio, às 17 horas, na Galeria de Arte do Casino Estoril, o **XISALÃO DE PRIMAVERA**, que tem por objectivo promover os jovens artistas portugueses e estrangeiros residentes no nosso País, proporcionando-lhes um espaço para mostrar os seus trabalhos, nas modalidades de Pintura, Desenho e escultura.

Estão presentes nesta mostra 78 artistas, grande parte deles finalistas ou recém-licenciados das Faculdades de Belas Artes de Lisboa e Porto, sendo de cerca de 145 o total dos trabalhos presentes.

O **SALÃO PRIMAVERA** é sempre uma festa da Arte, das formas e das cores, com cheiro a tintas frescas e sabor a juventude, mas, sobretudo, um espaço de convívio de artistas jovens, expressando-se na multiplicidade de linguagens e estilos, que estão na "moda" ou são afloramentos das tendências plásticas mais recentes.

O Júri deste Salão, constituído pelo pintor Manuel Cargaleiro, pelo escultor e professor da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, João Duarte, pelo jornalista e crítico de Arte, Rodrigues Vaz, pelo Dr. João Maia em representação da EDINFOR, a empresa que patrocina o prémio de escultura, pelo sr. Alves Rosa, em representação do Montepio Gral, a empresa patrocinadora do prémio de desenho e pelo dr. Lima de Carvalho, director da Galeria de Arte do Casino Estoril, atribuiu prémios.

Pagamento de assinaturas

Dignaram-se pagar a assinatura do jornal os srs.: D. Maria Rosália de oliveira, 1.500\$00; Dr. Sobral Torres (Esposende), 1000\$00; Arlindo Ferreira, 1000\$00; Aldredo Palmeira Machado, 1000\$00; Avelino Graça, 1000\$00; Amândio Caramalho, 2000\$00; Cipriano Morgado Caseiro, 1000\$00; Eng. José Manuel Oliveira e Silva, 1000\$00; Adalberto Óscar P. Campos Morais (Porto), 1000\$00 e D. Maria Arminda Vale Valentim, 1000\$00; Dr.ª Flora Caldas (Lisboa), 1000\$00; José António Cunha Gonçalves, 1000\$00.

O nosso bem-hajam.

PREDIFÃO

Compra e Venda de Propriedades

Av. Dr. Manoel Paes, 2
Telef./Fax (053) 982730 • 4740 FÃO

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quím de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Cima, n.º 5 – 4740 FÃO
0831.8451867 / Telex. 02-8000295 / 063-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 – Telef. 815230
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fangeiro" através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 – 4700 BRAGA

Carta de Lisboa

A LIBERDADE

Em Lisboa, geração após geração, persistem intactos o Carmo e a Trindade.

Situam-se num sítio alto e diferem bastante da marca pombalina das simétricas ruas que ligam a zona do Terreiro do Paço ao Rossio. Falta-lhes a delicadeza do Chiado, com as suas inúmeras lojas e o seu toque oitocentista. Apesar da proximidade com o aglomerado fadista do bairro Alto, Carmo e Trindade têm a sua própria identidade, ainda ressoam a Idade Média e servem até de emblema. Para cumprir a subida até ao lado do Largo do Carmo, pode-se escolher a calçada do Sacramento, com a famosa igreja.

No dia dos alvares do século XIX, em que parte de Lisboa seu povo), já cansado de franceses e presenças estranhas a mandar no que não era seu, enfrentar mais de dez mil homens e gritou "morras" a Napoleão e aos invasores. O resultado da coragem foi uma boa perseguição desde o Terreiro do Paço. O povo de então confiou em que a Igreja do Sacramento era casa de Deus e, portanto, respeitada. Entrou e cerrou as portas. Mesmo, profanando o tempo, os soldados entraram e mataram a gente que lá estava. Como é evidente, a selvajaria é de todos os tempos...

O Convento do Carmo, do qual só temos as ruínas resultou de um esforço para reerguer o convento após o terramoto de 1755.

Este convento Carmelita nasceu por obra e vontade de Nuno Álvares Pereira, que imaginou aí viver o resto da sua vida. Teimoso como era, insistiu em que ali se fizesse o seu convento, mesmo que os alicerces tivessem de fazer-se em ferro.

O Largo do Carmo, quadrilátero com cheiro pombalino, tem no meio um gracioso chafariz como um centro de mesa dos que se viam em casa das nossas avós e onde os pombos matam a sede à vontade. E, mais uma vez, este célebre largo foi o sítio onde Salgueiro Maia fez porto de paragem, dominando os que se abrigavam. Chegou com ele a esperança de uma nova vida para o país. As pessoas encheram o largo vitoriando a Revolução do Carmo, sem violências.

Por fim, Marcelo Caetano, saiu dentro de uma chaimite apupado pelo povo. Entre abraços e lágrimas chegamos a um ponto de viragem da nossa história recente, uma revolução não de balas, mas de flores.

Cada vez que cada um de nós lá passa, vem à memória Abril/74 e a porta de esperanças por ele abertas. Oxalá saibamos merecê-las.

Maria Pinheiro

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Um dia destes, o meu filho, que é um poeta a quem os códigos roubaram às musas, disse-me: "e andei eu, tanto tempo, perdido, sem contacto com esta Grande família!" "Nunca vi, quem assim prendesse a atenção. Seria capaz de os ouvir uma noite inteira!" Isto dito pelo João tem o valor exaltado dos poetas, para quem a felicidade reside no encontro das almas. Escusado será dizer que isto me encheu de alegria, porque vai ao encontro daquilo que sempre pensei.

Cada um no seu género, eu também tenho o meu.

Disseram-me uma vez que eu deveria sentir mais e pensar menos e eu não entendi.

Hoje sei, e até concordo. É esse o meu desvio em relação ao resto da prole.

Deixo passar os momentos alegres para me entregar, por inteiro, ao pensamento que, funciona, assim, como outra pessoa que vive em mim e com quem converso a todo o instante.

CATRAIA DE ESPOSENDE FOI À EXPO/98

Encontra-se fundeada na Marina de Exibição Náutica, EXPO/98, a catraia de Esposende, o símbolo da história marítima local, em réplica à lancha poveira do alto.

A catraia tem características muito próprias e adaptou-se às condições de mar, de transporte e da pesca, razão da sua presença na EXPO-98 aparelhada e pronta a dar umas curvas no rio Tejo. É Mestre desta embarcação típica José Pinto de Jesus Nibra e compõe-se da seguinte companhia: Zé da Lucas, Sebastião Saganito, António Pirata, Marco Filipe, Manuel Eiras, Manuel do Pezinho e Paulo Dimas.

O aparecimento da catraia Santa Maria dos Anjos deve-se, não temos dúvidas, ao lançamento

Mas lá que o João está certo, está. Falar com o Rúben, é deambularmos, gostosamente, por um mundo de especulação mental que não cansa, porque é acompanhada de um cariz meigo, simpático, com o seu quê de anedótico que nos fascina e prende; o Rui é um tratado de ciência e competência onde o amor corre como um rio de águas mansas.

A Zélia, bem a Zelinha é aquela jovem mamã, sorridente e interessada por tudo, espécie de fada da família, onde o seu permanente sorriso à mistura com uma ou outra gargalhada solta, perdura nos meus sentidos, quando a distância dá a mão à solidão.

Quem descobrir esta ordem fará um bom trabalho de pesquisa.

Termino com a Zita – aquela praça. E que me perdoe o possível calão.

Ela é aquela rapariga que, vista uma vez, ninguém esquece, jamais.

Se a lâmpada da sala tiver fundido, se a Zita aparecer, tudo ficará iluminado e belo. se me meter neste conjunto de avós comuns, aparecerá um ser onde os olhos molhados, recordam não sei que conto mágico, esquecido no fundo mais remoto que continua a sonhar desde menina e moça. Só que não sabe como terminá-lo.

à água a 15 de Setembro de 1991 da "Fé em Deus" a lancha poveira do alto que foi "oficina de trabalho" de algumas gerações da Póvoa de Varzim de que somos, também, oriundos. Aliás, o exemplo espevitou a curiosidade e o alento para se recriar este tipo de embarcação, custou dois mil contos e foi lançada à água no Cais Velho, aos 19 de Agosto de 1993. Pretendia-se, assim, recordar os tempos do "Bota-a-baixo" dos navios e embarcações de antigamente.

Por entre embarcações típicas, caso do veleiro "Star Clipper", o "CASVIC", o típico rabelo do Douro ou do elegante yach "Tuiga", lá estará a catraia, um símbolo de Esposende.

Artur L. Costa

